

## REDUPLICAÇÃO E ECO-EPÊNTESE<sup>1</sup> EM LUDOLÍNGUAS: DOMÍNIOS MORFOLÓGICOS ('LÍNGUA-DO-PÊ') VS DOMÍNIOS FONOLÓGICOS ('EFEITO ALBERTO ROBERTO')

REDUPLICATION AND COPY-VOWEL EPENTHESIS IN LUDLINGS: MORPHOLOGICAL DOMAINS ('P LANGUAGE') VS PHONOLOGICAL DOMAINS ('ALBERTO ROBERTO EFFECT')

Felipe da Silva Vital<sup>2</sup>

Amanda Macedo Balduino<sup>3</sup>

### RESUMO

O presente texto, de cunho teórico-descritivo, é uma análise, baseada em regras, cruzada de dois fenômenos correlatos: a reduplicação, que consiste na cópia de material de uma base com vista de preenchimento de um morfema reduplicante (RED); e a eco-epêntese, que é uma cópia de segmento da base com vistas de correção fonotática. A base empírica é composta de dados de jogos de linguagem ou “ludolínguas” (*ludlings* para Laycock (1972); Bagemihl (1989, 1996) do Brasil. Serão apresentadas evidências que corroboram os argumentos expostos por Kawahara (2007), cuja análise tipológica dos fenômenos superficialmente similares aos descritos, dentro do quadro teórico da Teoria da Otimidade, teve como base empírica dados de línguas naturais. Isso posiciona o presente texto a favor de como as gramáticas de *ludlings* podem servir como fontes de análises de fenômenos fonológicos. A partir do cumprimento do primeiro objetivo será possível atingir o objetivo secundário, que é descrever a variante da ‘língua-do-pê’ que apresenta a reduplicação, bem como apresentar um recurso estilístico da construção de um personagem conhecido por Alberto Roberto, que apresenta um caso especial de eco-epêntese. Os dados reunidos aqui foram extraídos de vídeos no Youtube, artigos acadêmicos, mídias sociais, como Facebook e Instagram.

**PALAVRAS-CHAVE:** Domínios morfológicos. Domínios fonológicos. Reduplicação. *Copy-Vowel Epenthesis*. Língua-do-pê.

### ABSTRACT

This text, from a theoretical-descriptive perspective, expounds over a rule-based cross-analysis of two related phenomena, reduplication, which consists of a copy of segments of a base-word in order to fill a RED-morpheme, and copy-vowel epenthesis, which is a copy of segments of a base-word for correcting some phonotactics requirements in phonetic surface, in language games or *ludlings* (Laycock (1972); Bagemihl (1989, 1996). Based on data extracted from *ludlings*, we follow the arguments (but not his theoretical bias) proposed by Kawahara (2007) in his OT-based typological analysis of these two superficially-similar phenomena in natural languages, positing this work in the favor of *ludlings* as a good deal of evidence on phonological properties and phenomena. After fulfilling the first objective, it will be possible to achieve the secondary goal, describing the variant of the Brazilian ‘p-language’ that shows reduplication, as well as to introduce a stylistic resource of creation of a character known as Alberto Roberto, whose particular way of saying words has a specific case of echo-epenthesis. The data gathered here was extracted from several sources, as videos on YouTube, academic papers, social media, as Facebook and Instagram.

<sup>1</sup> Que, neste texto, também será referida como *echo-epenthesis* (Kawahara, 2007) ou *copy-vowel epenthesis*.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), felital82@gmail.com, <https://orcid.org/0009-0003-6868-5210>.

<sup>3</sup> Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), amandamb@unicamp.br, <https://orcid.org/0000-0002-1062-973X>.

**KEYWORDS:** Morphological domains. Phonological domains. Reduplication. Copy-Vowel Epenthesis. P-language.

## Introdução

Este texto tem por objetivo central fornecer, à luz de Kawahara (2007) e partindo de uma análise cruzada de dois fenômenos superficialmente similares (i.e, reduplicação e espalhamento), evidências quanto a esses distintos mecanismos de cópia extraídas de jogos de linguagem (ou ludolínguas<sup>4</sup>) brasileiros, ou seja, dentro de um prisma analítico formal, almejamos, como propósito principal desta pesquisa, examinar gramáticas artificiais. Ademais e compondo um objetivo secundário, apresentamos, ainda, uma proposta de formalização, mediante análise serialista, de fenômenos morfofonológicos em jogos de linguagem (*língua-do-pê* e *efeito Alberto Roberto*), de modo autônomo à gramática fonológica da língua-base (i.e Português brasileiro). Isso será feito a fim de trazer à tona as estratégias linguísticas e as estratégias metalinguísticas subjacentes sobre a língua-base inerentemente, da qual falantes dessas ludolínguas se valem para a construção dos jogos linguísticos em análise aqui.

Com base em evidências de gramáticas naturais, Kawahara (2007) defende a autonomia funcional dos fenômenos de espalhamento, exemplificados pela reduplicação (*cule* >> *culele*; *matimo* >> *matitimo*) e a eco-epêntese (*tat* >> *tata*; *tit* >> *titi*). O autor destaca que, enquanto os exemplos de eco-epêntese estão relacionados à fonologia, como reparos fonotáticos, os de reduplicação pertencem ao domínio da morfologia, envolvendo cópia conforme McCarthy & Prince (1995) para o preenchimento de um morfema subespecificado reduplicante (RED).

Dentro do domínio morfológico, este artigo examina a variedade “Dialeto B” da “língua-do-pê” (cf. Guimarães & Nevins, 2006; Araujo, 2012), um jogo linguístico no qual se adiciona um infix “pVogal” à esquerda ou à direita de cada sílaba da palavra base. Os dados examinados são provenientes de Araujo (2012).

No Brasil, existem dois padrões principais: (i) em que a vogal do infix é sempre [e] (ex: você → **pe-vo-pe-cê**), e (ii) em que a vogal do infix é igual à da sílaba original (ex: você → **vo-po-cê-pe**). Este artigo se concentra no padrão (ii), no qual a vogal do infix é a mesma da sílaba-fonte, caracterizando um fenômeno de reduplicação. Nesse caso, a reduplicação envolve a cópia de todos os subcomponentes da sílaba-fonte, exceto a consoante inicial, que é substituída por [p], resultando em uma estrutura silábica permitida (ex: **farto** → **far-par-to-po**). A cópia mínima ocorre quando o infix copia apenas a vogal da sílaba-fonte.

Somando-se a isso, este artigo aborda o personagem Alberto Roberto, criado por Chico Anysio, cuja fala também se caracteriza por processos fonológicos de correção fonotática. Nesse caso, a epêntese vocálica é usada para resolver problemas de grupos consonantais, como no exemplo “prato” → “parato”, sem gerar formas como \**“calaquete”* de *“claquete”*, por exemplo. A epêntese é realizada

<sup>4</sup> O termo “ludolíngua” foi uma sugestão da prof.<sup>a</sup> Juliana Vignado, que recomendou, em comunicação pessoal, esta tradução - mais precisa e mais icônica do que “jogos de linguagem” - para o termo “*ludling*”, oriundo do inglês.

com a cópia da vogal nuclear da sílaba, já presente na representação (sendo que, em PB, a vogal epentética básica [i]), um fenômeno denominado aqui como “efeito Alberto Roberto”. Os dados do “efeito Alberto Roberto” foram coletados de diversos vídeos no youtube com episódios da sketch relativo aos quadros do personagem.

Este artigo está estruturado da seguinte maneira: na seção 1, discutimos as diferenças entre reduplicação e eco-epêntese de acordo com Kawahara (2007), além de oferecermos um exame inicial desses fenômenos com base nos dados do Português Brasileiro (PB) (cf. subseção 1.1). Na seção 2, exploramos exemplos de ludolínguas de infixação ao redor do mundo para, em seguida, na subseção 2.1, analisarmos a “língua-do-pê” e, na subseção 2.2, examinarmos o *efeito Alberto Roberto* a partir do panorama geral das possibilidades lógicas e preferências estruturais que demarcam as ludolínguas. Para tanto, em ambas as seções, nos apoiaremos na proposta de Kawahara (2007). Finalmente, na seção 3, apresentamos as considerações finais.

## 1. Das diferenças entre reduplicação e eco-epêntese (Kawahara, 2007) e os dados do PB

### 1.1 Tipologia cópia morfológica vs cópia fonológica (Kawahara, 2007)

Com base em um estudo tipológico em línguas naturais, Kawahara (2007) explicitou algumas diferenças atestadas na análise cruzada da reduplicação e da eco-epêntese. Para o autor, enquanto a eco-epêntese está a serviço da fonologia, com vistas a reparações fonotáticas, a reduplicação está a serviço da especificação de um morfema reduplicativo RED. Assim sendo, entre as duas opções contrastadas, apenas a reduplicação seria passível de ser enquadrada na noção de cópia à luz da correspondência de McCarthy & Prince (1995).

A esse respeito, Kawahara (2007) chega a quatro características que distinguem a reduplicação da eco-epêntese: (A) cópia de consoante à longa-distância; (B) cópia de alvo distante mesmo havendo candidato a alvo mais próximo; (C) transferência de alongamento segmental da base para segmento reduplicado da base; (D) bloqueio por conta de um determinado segmento interveniente, conforme apresentado na figura 1 abaixo:

**Figura 1:** Critérios empíricos na distinção reduplicação/eco-epêntese

	Reduplication	Echo epenthesis
<b>(A)</b> Long-distance consonant copy	Yes	No
<b>(B)</b> Copy of a distant target	Yes	No
<b>(C)</b> Length transfer	Yes	No
<b>(D)</b> Blockage by some intervening segments	No	Yes

**Fonte:** Kawahara (2007, p. 115)

De acordo com a figura 1, a reduplicação marca ‘positivo’ para os três primeiros critérios, os quais não são cumulativos, enquanto marca ‘negativo’ para o critério (D). A eco-epêntese, de outro modo demonstraria um comportamento inverso, na medida em que marca ‘negativo’ para os critérios (A), (B) e (C), ao passo que (D) seria positivo.

Observando bem, os critérios (A) e (D) constituem verso-e-reverso da mesma moeda: dado que a reduplicação pode copiar uma consoante à longa-distância (i.e consoante não adjacente), é uma consequência lógica que esse mesmo fenômeno não seja bloqueado por segmentos intervenientes, o que permite a generalização de que reduplicação pode copiar segmentos em geral à longa-distância, enquanto a eco-epêntese não o faz.

Ainda sobre o ponto (A), notamos que a reduplicação pode ir longe na busca por uma consoante para realizar a cópia, como demonstrado pelo dado do *Temiar*, uma língua da Malásia Central: slog “morrer” → sglog “morrer, simulfactivo”. A cópia de uma eco-epêntese, de outro modo, geralmente se vale do segmento licenciado que está o mais próximo possível, conforme evidenciado por /gwadn/ → [gwa:dan] “sola”, um exemplo do *galês* pelo qual observamos o desfazimento da sequência /dn/ CC final pela cópia de [a]. Ou seja, na reduplicação, consoantes à longa-distância são livremente copiadas, enquanto a eco-epêntese se guia por fatores de circunvizinhança.

Na figura 2 são apresentados alguns exemplos sobre dados hipotéticos de eco-epênteses não atestadas em *Agta*, criados pelo autor para finalidades teóricas-analíticas.

**Figura 2:** Cópia de consoante à longa-distância: reduplicação sim; eco-epêntese não

Hypothetical long-distance consonantal echo epenthesis: unattested

/apa/	→	[ <u>p</u> apa]
/ata/	→	[ <u>t</u> ata]
/aka/	→	[ <u>k</u> aka]

**Fonte:** Kawahara (2007, p. 113)

Os dados da figura 2 podem ser contrastados, por exemplo, à reduplicação pluralizadora em *Agta*, em que /takki/ ‘perna’ → tak-takki ‘pernas’, isto é, em que o plural é assinalado pela especificação de um morfema reduplicativo (RED): [RED+takki ‘perna’], com direcionalidade esquerda > direita. A presença de um morfema RED na análise do fenômeno de cópia implica dizer que há contextos em que a cópia, a serviço da morfologia reduplicativa, acaba por expressar valor derivacional (no sentido de formação de nova palavra para um diferente referente), valor flexional (no sentido de expressão de conteúdo gramatical, como número ou pessoa) ou pragmático (no sentido de manifestação de função expressiva). Com isso, a figura 2 diz que, quando a cópia não está associada a um morfema RED, não há captura de alvo consonantal à longa-distância.

O ponto em (B) diz respeito, seguindo o autor, ao fato que a reduplicação pode pular um segmento licenciado para determinado ambiente fonológico por conta de satisfazer outras demandas gramaticais, como buscar a vogal mais sonora<sup>5</sup> possível, o que se visualiza na figura 3 nos dados em (a).

**Figura 3:** Possibilidade de salto de um candidato a alvo próximo para buscar candidato a alvo mais distante por conta de características intrínsecas a esta possível alvo mais distante: reduplicação sim; eco-epêntese não

a. Sonority-based reduplication in Nakanai			
/RED+taro/	→	[ <u>ta</u> -taro]	'away'
/RED+mota/	→	[ <u>ma</u> -mota]	'vines'
/RED-biso/	→	[ <u>bo</u> -biso]	'two by two'
b. Sonority-based echo epenthesis: unattested			
/tmeta/	→	[ <u>t</u> meta]	
/tmute/	→	[ <u>t</u> emute]	

Fonte: Kawahara (2007, p. 114)

Quanto à eco-epêntese, justamente por ela estar ligada a questões de vizinhança, como dito acima para o ponto (A), não foram atestadas, conforme o autor, cópias que pulem segmentos passíveis a ocupar a posição de núcleo. Nesse sentido, as cópias não buscam uma vogal ainda mais distante para ocupar a posição de núcleo, sendo preferida a primeira vogal que constitui pico de sonoridade. Os dados em b da figura 3, por exemplo, não são atestados em *Nakanai*. Isso implica dizer que a eco-epêntese não busca por uma vogal mais sonora possível dentro da palavra alvo, já que ela privilegia a vizinhança, e procura sempre o candidato a alvo mais próximo.

No caso da reduplicação (figura 3a) em *Nakanai*, o morfema RED, em formato prosódico de uma sílaba CV [ta], [ma] e [bo], busca para o slot V a vogal mais sonora possível (isto é, com maior abertura de mandíbula e conseqüentemente maior valor do primeiro formante (F1), em termos acústicos) dentro da palavra-fonte. Ou seja, este tipo de cópia só é permitido se o processo de cópia em si estiver relacionado a um morfema RED.

Sobre (C), este ponto se atém à questão de que, segundo o autor, não é incomum, no caso da reduplicação, que o alongamento (valor prosódico relativo a duração, em termos fonéticos) associado a alguns segmentos copiados seja transferido, como evidenciado na figura 4. Já no caso de eco-epêntese, o segmento hospedeiro do alongamento costuma ser copiado sem que o alongamento relacionado a este segmento o seja também.

<sup>5</sup> Não confundir esta noção de 'sonoridade' com a noção de 'sonoridade' que é sinônima a 'vozeamento', valor de traço de natureza laringea abarcado pela fonética articulatória. No caso da primeira noção, esta tem a ver com 'abertura do trato vocal', de modo que: quanto mais a boca precisa ser aberta para a produzir um som, mais sonoridade este segmento tende a ter. Em termos de fonética acústica, com base no conceito de 'formante', ou seja, o valor extraído da conjugação entre frequência e ressonância, esta noção está ligada a F1 (Goldsmith 1990; Clements, 1996).

**Figura 4:** Transferência de duração segmental: reduplicação sim; eco-epêntese não

/midoodo+RED/ → [mi-doodo-doodo]

**Fonte:** Kawahara (2007, p. 114.)

O caso de reduplicação em *Kihehe*, evidenciado na figura 4, mostra que a vogal [o:], representada por ‘oo’ em ‘midoodo’ (pequeno), é copiada pelo morfema RED, na direcionalidade direita > esquerda. Ainda sobre figura 4, quanto aos casos de eco-epêntese, o autor diz, na mesma página, que *the present survey has not found a case in which such length transfer occurs in echo epenthesis*. (op. cit).<sup>6</sup>

Por último, o critério (D) diz respeito ao fato de que casos de eco-epêntese podem ser bloqueados por determinados segmentos intervenientes, enquanto a reduplicação (sobretudo pelo que foi dito um pouco acima sobre a questão dos critérios (A e D)) nunca é bloqueada por segmentos (ou classe de segmentos) específicos, como se pode ver abaixo na figura 5:

**Figura 5:** Bloqueio ocasionado por determinado segmento interveniente: eco-epêntese sim; reduplicação não  
Japanese loanword echo epenthesis

a. Echo across [h]

/bax/	→	[bah <u>h</u> a]	‘Bach’
/gox/	→	[goh <u>h</u> o]	‘Gogh’

b. Default vowel [u] inserted if a superlaryngeal consonant intervenes

/bʌs/	→	[bas <u>u</u> ]	‘bus’
/kæp/	→	[k <sup>h</sup> app <u>u</u> ]	‘cap’

**Fonte:** Kawahara (2007, p. 114.)

Em casos de empréstimos de palavras em japonês, a eco-epêntese é bloqueada quando a consoante final da base estrangeira tem traço [- laringal] para o nódulo ‘ponto de consoante’. Isto é, para toda consoante cujo ponto de articulação for acima da laringe, a eco-epêntese é bloqueada, e a vogal epentética default [u] em japonês emerge - conforme evidenciado nos dados (b) da figura 5.

## 1.2. Kawahara (2007) e dados oriundos do PB: um exame inicial

Considerando os critérios empíricos que diferenciam a cópia associada à reduplicação da cópia que ocorre em casos de eco-epêntese, apresentados na seção anterior, analisamos os dados do PB para

<sup>6</sup> “a presente pesquisa não encontrou um caso em que tal transferência de alongamento ocorra na epêntese eco” (Kawahara, 2007, p. 4, tradução nossa).

a 'língua-do-pê' e para os dados do *efeito Alberto Roberto*. Evidenciamos que os pontos (B) cópia de alvo distante mesmo havendo candidato a alvo mais próximo e (C) transferência de alongamento segmental da base para segmento reduplicado da base não se aplicam à reduplicação em português, que é a língua-base tanto para a 'língua-do-pê' quanto para o *efeito Alberto Roberto*.

Em relação ao ponto (B), não observamos casos de reduplicação em português que saltem um elemento licenciado a preencher o morfema RED com vistas de buscar um outro elemento igualmente licenciado ao preenchimento do morfema reduplicativo (cachorro → \*cachorroca).

Em relação ao ponto (C), por um lado, o alongamento não exerce força contrastiva em português, sendo apenas a manifestação fonética da tonicidade lexical. Com isto, é pleonástico dizer que não há possibilidade de haver transferência de duração lexicalmente atribuída. Porém, se, por outro lado, substituirmos, a nível comparativo, o alongamento pela nasalidade, ambos autosegmentos, há caso de reduplicação em PB em que a nasalidade é transmitida para a posição de RED, como “mãe → mamãe”, em que o primeiro [a] do produto, reduplicante (direção: esquerda >> direita), é categoricamente nasal [mẽ. 'mẽj].

Em PB, uma vogal tônica antecedendo uma consoante nasal heterossilábica, como “cana [ 'kẽ.ne]”, é categoricamente nasalizada, enquanto esta nasalização fonética é altamente variável em contexto de vogal pré-tônica seguida por consoante nasal heterossilábica, como “canal” [ka. 'naw] ~ [kẽ. 'naw]. Em “mamãe”, a nasalidade é categórica, o que sugere que a vogal nasal da base (mãe) copiada no morfema RED transfere para o reduplicante a nasalidade associada a si na base (mamãe).

O PB não tem casos de eco-epêntese a nível fonológico (concepção → \*concepção). Desta forma, seria impossível estabelecer a comparação quanto ao comportamento da nasalidade a partir de dados da língua-base dos jogos linguísticos analisados aqui. Entretanto, partindo dos dados que este estudo considera como eco-epêntese (i.e cópia fonológica), isto é, no contexto do *efeito Alberto Roberto*, o comportamento segue o que propõe Kawahara (2007) no ponto (C) da figura 1 (i.e reduplicação transfere alongamento/nasalidade para o reduplicante, enquanto em casos de eco-epêntese, o processo de cópia não transfere alongamento/nasalidade).

Entretanto, o ponto (C), apresentado em (1), está sendo tomado pela nasalidade em vez do alongamento, ambos autosegmentos, uma vez que o alongamento não é contrastivo em PB, enquanto a nasalidade sim (ver itens “c.” e “e.” do número (04) na seção “efeito Alberto Roberto”):

- (1) a. [prĩ<sup>a</sup>].ci.pi.an.te → [pĩ.rĩ<sup>a</sup>].ci.pi.an.te (vogal [ĩ] na sílaba [prĩ<sup>a</sup>] contém nasalidade fonológica e é eco-epentizada sem transferência da nasalidade)
- b. vi.[trĩ].ne → vi.[tĩ.rĩ].ne (vogal [ĩ] na sílaba [trĩ] contém nasalidade fonética e é eco-epentizada sem transferência da nasalidade)

Isto é, no domínio do PB (e de ludolínguas do PB), a reduplicação pode transferir nasalidade associada à vogal da base para esta vogal dentro morfema reduplicante, enquanto a eco-epêntese não transfere nasalidade associada à vogal da base para o elemento epentético, o que sustenta empiricamente a distinção entre estes tipos distintos de cópia.

Pensando na figura 1 como proposta por Kawahara (2007) integralmente, o ponto (A) – em consonância lógica com o ponto (D), como dito acima – se aplica ao português brasileiro, uma vez que, ao lado de reduplicações de ‘curta-distância’, como (2):

- (2) RED ( $\sigma = CV$ ) + tio → titio  
 RED ( $\sigma = CV$ ) + mãe → mamãe  
 RED ( $\sigma = CV$ ) + pai → papai

também ocorrem outros tipos de reduplicação, de longa distância. Um argumento compreensível, entretanto, contra o estatuto de ‘reduplicação de curta distância’ é o fato de serem bases monossilábicas, com poucos segmentos. Logo, qualquer cópia seria, em si, curta. Entretanto, o próprio português atesta a palavra ‘bom-bom’, que dá nome a um tipo específico de doce, ou “cai-cai”, que significa “jogador de futebol que sempre simula falta para ganhar vantagem”. Vale destacar também que reduplicações deste tipo, com bases monossilábicas, constituem um número bem reduzido de *inputs-outputs* em português.

No caso de palavras com bases dissilábicas ou trissilábicas, entretanto, não é incomum a aplicação do ponto em (A), que é licenciado de tal forma que o português permite reduplicações totais como em (3):

- (3) RED (palavra) quero → quero-quero ‘um pássaro’  
 RED (palavra) mata → mata-mata ‘tipo de disputa no futebol’  
 RED (palavra) agarra → agarra-agarra ‘agarração intensa entre pessoas’

Com isto, em relação ao critério empírico que sustenta a diferenciação dos fenômenos que serão analisados aqui: a variedade da ‘língua-do-pê’ em que há reduplicação (fenômeno 1) e; o desfazimento de *onsets* complexos na fala do personagem Alberto Roberto (fenômeno 2), pode-se dizer que o ponto (A) cópia de consoante à longa-distância, e, por consequência, o ponto (D) bloqueio por conta de um determinado segmento interveniente, se aplicam, de modo integral, contumazmente a esses fenômenos, como se verá no desenvolvimento deste artigo.

Em relação ao ponto (C), quanto aos dados oriundos do português, este critério não é implementado integralmente, uma vez que o alongamento não é distintivo em PB. Entretanto, como discutido anteriormente, se substituirmos “alongamento” por “nasalidade”, percebe-se que a reduplicação transfere nasalidade (cf PB: “mãe” → mamãe; Língua-do-pê: [ĩ<sup>m</sup>].pla.cá.vel “impracável” → [ĩ<sup>m</sup>.pĩ<sup>m</sup>].pla.pla.ca.pa.vel.pel”. Ver figura 7 sobre este dado da Língua-do-pê), enquanto a eco-epêntese não transfere a nasalidade (fonética ou fonológica) associada à vogal da base para a cópia epentética (cf. PB: sem eco-epêntese a nível fonológico; *feito Alberto Roberto*: vi.[trĩ].ne → vi.[t< rĩ].ne → vi.[tĩ. rĩ].ne).

## 2. Ludolínguas de infixação (cf. Bagemihl, 1996) ao redor do mundo

Nesta seção, apresentamos um panorama geral das possibilidades lógicas e preferências estruturais que caracterizam ludolínguas. Das ludolínguas de infixação (cf. Yu, 2008 sobre “infixação iterativa”), certamente, as mais conhecidas são o *Ubbi-dubbi* (**sem** reduplicação pós-infixação), do inglês americano, e o *Jerigonza* (**com** reduplicação pós-infixação), do espanhol europeu e do espanhol latinoamericano. Dados destes dois jogos linguísticos seguem abaixo em (4):

- (4) Ludolínguas de infixação iterativa mais famosos: Ubbi-dubbi e Jerigonza

### Ubbi-dubbi (infixo: [ʌb])

<i>good day</i>	→	<b>gubood dubay</b>	[,gʌbʊd 'dʌbeɪ]
<i>speak</i>	→	<b>spubeak</b>	['spʌbi:k]
<i>hello</i>	→	<b>hubellubo</b>	[,hʌbə'ʌbʊ]

### Jerigonza (infixo: sílaba p-V)

<i>carlos</i>	→	<b>caparlopos</b>	[ka,parlo'pos]
<i>vamos</i>	→	<b>vapamopos</b>	[ba,pamo'pos]
<i>escondite</i>	→	<b>epescopondipitepe</b>	[e,pesco,põndi,pite'pe]

Como se pode ver, no caso do *ubbi-dubbi*, o infixo é [ʌb], grafonemicamente representado por <ub>, e o processo consiste na anexação deste ‘morfema’ antes de cada som vocálico (fazendo oposição, como os dados mostram, entre vogais e glides vocálicos) de sílabas de palavras em inglês, ou seja, anexação entre *onset* e rima. No caso do *ubbi-dubbi*, o acento (secundário e primário) figura na sílaba à esquerda da sequência de duas sílabas formadas pela anexação do infixo [ʌb].

Já no caso do *Jerigonza*, o infixo, uma sílaba formato p-V, é adicionado à palavra-fonte entre o núcleo e a coda de cada uma das sílabas da palavra em espanhol. Pode-se ver que, como o infixo apresenta uma mora vazia, o preenchimento é feito pela cópia da vogal da sílaba-fonte concernente. Aqui, a sílaba que se forma com a entrada do infixo porta o acento (secundário e primário) da construção resultante.

Uma observação que se pode fazer quanto à relação entre infixo e as sílabas com as quais dialogam diretamente (sílabas-fontes) é sobre a posição do infixo em relação a estas sílabas-fontes. Em uma perspectiva lógica, podem-se supor as relações posicionais infixo-sílaba(-fonte) de base em (5):

- (5) Relações posicionais logicamente possíveis entre o infixo (-INF-) e a sílaba com a qual dialoga

- Posição pré-sílaba (à esquerda da sílabas-fonte)  
- INF - Sílaba

Ex: **Dialeto C** ('infixo-prefixo pe [pe]') / “Pê-dialect” - Português brasileiro

*calça* → *pecalpeça* [pe,caupe'sa] (Araujo, 2012)

***Gjuha e zoqve* (infixo: xh [dʒ]) – Albanês**

*ruga* “rua” → xhruxhga [dʒrudʒga] (Yu, 2008)

- Posição entre C1 e C2 do ataque silábico (até 2 segmentos no ataque):  
Onset1 - INF - Onset2  
Ex: Nenhuma ludolíngua reportada (NLR)
- Posição entre elementos de ataque complexo (3 ou mais segmentos no ataque):  
Onset1 - INF - Onset2 + Onset3  
Ex: (NLR)
- Posição entre ataque silábico e rima silábica (antes da rima):  
Onset - INF - Núcleo  
Ex: ***Ubbi-Dubbi* (infixo: [ʌb]) - Inglês**  
*extra* “extra” → ubextruba [ˈʌbɛksˌtɪʌbə] (Yu, 2008)
- Posição entre núcleo silábico e coda silábica:  
Núcleo - INF - Coda  
Ex: ***Jerigonza* (infixo: p-V) - Espanhol** (reduplica o núcleo silábico imediatamente à esquerda)  
*quedar* ‘ficar em’ → quepedapar [keˌpedaˈpar]  
***Bet-language* (infixo: b-V) – Hebraico** (reduplica o núcleo silábico imediatamente à esquerda)  
*ohev* ‘amar-masc’ → obohebev [oˌbo(h)eˈbev]
- Posição entre elementos de coda complexa:  
Coda1 -INF- Coda2  
Ex: (NLR)
- Posição pós-silábica (à direita da sílaba-fonte):  
SÍLABA - INF -  
Ex: **Dialeto B/ “Double Talk” [infixo: p-V] – Português brasileiro** (reduplica a estrutura segmental da sílaba de base à esquerda, dando preferência à rima)  
*gelo* → gepelopo [ʒeˌpeloˈpo] (Araujo, 2012)  
**Grego Cipriota [infixo: -kVkVrdVrV(C)kVkV(C)] - Grego** (reduplica a vogal nuclear da sílaba de base à esquerda para o slot V do infixo e a consoante de coda (caso haja) da sílaba base à esquerda para o slot (C) do infixo)  
*Alékos* ‘alex’ → akakárdarakakálekekérderekekékoskokórdoroskokós (Yu, 2008)

Das posições logicamente possíveis, vê-se em (5) acima que nem todas estão preenchidas com exemplos. Poder-se-ia supor a insuficiência da evidência empírica como resposta ao não preenchimento total das possibilidades com dados.

Outra coisa que se poderia supor, a que não nos aprofundaremos neste texto, mas é digno de ressaltar, é que o preenchimento não-total destas possibilidades lógicas pode refletir uma preferência por determinados padrões de infixação iterativa (cf. Yu, 2008) sobre outros, numa interface entre biologia e linguística, com base em imposições de possibilidades determinadas pela Gramática Universal. No campo biológico, é sabido que existem restrições genéticas e evolutivas que determinam a variedade morfológica das espécies (cf. Bagemihl (1989), Moro (2008) e Nevins (2010a).

Destaca-se, observando (5), que as opções pré-sílaba, entre núcleo e coda e pós-sílaba são as que mais contam com representantes em se tratando de ludolínguas de infixação iterativa. Outro ponto que se pode destacar do quadro acima é como línguas geneticamente tão afastadas podem compartilhar expedientes bastante similares na construção de suas respectivas ludolínguas. E isto certamente remete à questão sobre as (não-)preferências biolinguísticas quanto aos padrões fonológicos possíveis e impossíveis (cf. Moro, 2008).

De um modo geral, destaca-se também que entendemos as ludolínguas - tal como, por exemplo Araujo (2012) e Bagemihl (1996) -, sobretudo pelo potencial de criação de um repertório lexical com base em recursos formais bem delimitados para a construção de um cenário socioletal característico, um subtipo de morfologia não-concatenativa, haja vista que toda morfologia não-linear, de acordo com Vital & Gonçalves (2023), caracteriza-se pela exploração de sentido na palavra a partir da manipulação de porções sonoras e/ou prosódicas.

No caso das ludolínguas, estas exercem função mais expressiva (Basilio, 1987), no sentido do compartilhamento de informação além-texto entre os interlocutores, do que propriamente lexical, no sentido de servir à formação em série de palavras com base nos primitivos morfológicos disponíveis regularmente na língua.

O *Ubbi-dubbi* e o *Jerigonza*, duas ludolínguas de infixação, com base no inglês e no espanhol respectivamente, assim como as variedades da 'língua-do-pê' e outras ludolínguas de infixação do mesmo formato, propiciam uma duplicação da quantidade de sílabas da palavra-fonte, resultando em outputs sempre com uma quantidade par de sílabas, favorecendo a construção de pés métricos binários, em que as sílabas nas quais os infixos figurem portem ou não-portem, dentro da palavra morfológica, o acento do pé. Dito isso e à luz das possibilidades estruturais discutidas aqui e da proposta de Kawahara (2007), examinamos a língua-do-pê em 2.1.

## 2.1. A 'língua-do-pê': uma análise

A 'língua-do-pê' é um jogo linguístico (ou *ludling*) que consiste na afixação iterativa de uma sílaba-fonte 'pV<sub>ogal</sub>' (pV) à esquerda ou à direita de cada sílaba da base, sendo que quando o infixos é anexado à direita, pode ocorrer ou não-ocorrer cópia de segmentos da sílaba-fonte. A título de generalização, a língua-do-pê varia em dois níveis: **1)** /pe/ anexado à esquerda vs à direita da sílaba-fonte; **2)** queda vs não-queda de vogal [e] do infixos após **1)**. De acordo com Araujo (2012), há três variantes da 'língua-do-pê' (cf. figura 6):

**Figura 6:** As variantes da ‘língua-do-pê’**Dialeto A (infixo-sufixo –pê–)**

menina → mepênipênapê  
 peste → pespêtepê

**Dialeto B (harmonia vocálica infixo-sufixo –pV–)**

gelo → gepelopo  
 livro → lipivropo ~ lipivpro

**Dialeto C (prefixo-infixo pê–)**

calça → pêcalpêça  
 amor → pêapêmor

**Fonte:** Araujo (2012, p. 8)

No conto ‘a língua-do-pê’, escrito por Clarice Lispector, publicado no livro ‘A via crucis do corpo’ (1998)<sup>7</sup>, a autora traz o Dialeto B como ilustrativo do jogo linguístico no conto.

**Figura 7:** O Dialeto B em ‘A língua-do-pê’

Em manchete negra estava escrito: “Moça currada e assassinada no trem”.  
 Tremeu toda. Acontecera, então. E com a moça que a desprezara.  
 Pôs-se a chorar na rua. Jogou fora o maldito jornal. Não queria saber dos  
 detalhes. Pensou:  
 – Épé. Opo despestipinopo épé impimplaplacápávelpel.  
 O destino é implacável.

**Fonte:** Lispector (1998, p. 70)

Como se pode ver, no caso de ‘implacável’, houve (implacável → impimplaplacápávelpel), com a reduplicação envolvendo todos os segmentos da sílaba da palavra-fonte que estão disponíveis à reduplicação. Dito de outro modo, a reduplicação envolve todos os segmentos que ocupam uma posição na sílaba diferente da ocupada pela consoante [p] *default* do infixo, isto é, dentro da “estrutura permitida” (dentro de [...] em “C<sub>1</sub>[(C<sub>2</sub>)V<sub>1</sub>(V<sub>2</sub>)(C<sub>3</sub>)]”). Embora pareça uma variável menos acessível à gramática da ‘língua-do-pê’, que parece favorecer reduplicação que envolva elementos da rima silábica da palavra-fonte, casos como este (ou como **livro** → lipivro**ro** em figura 6 acima) certamente merecem atenção.

<sup>7</sup> Primeiramente publicado em 1974.

À luz de Kawahara (cf. figura 1), pelo que se pode ver pelos dados da língua-do-pê, a possibilidade de cópia à longa-distância é tomada aqui dentro da estrutura da sílaba por conta da possibilidade de cópia para além do núcleo vocálico (i.e para além da resolução de questões fonotáticas do PB que obrigam sílabas com *onset* a terem uma vogal nuclear, no formato mínimo CV: no caso, [p + vogal nuclear]). Assim, ao lado da anexação de /pe/ à esquerda ou à direita da sílaba-fonte, a cópia que ocorre na variedade a que estamos nos debruçando neste artigo serve como fonte de variação de processo morfológico, uma vez que são os dois meios pelos quais os subtipos do processo se diferenciam.

Pensando propriamente no algoritmo que explique esse Dialeto B da 'língua-do-pê', em formato paramétrico, pode-se pensar em (6):

(6) **Gramática do Dialeto B**

- a. **Posição do infix /pe/ em relação à sílaba-fonte:** pós-silábica (à direita da sílaba-fonte)
- b. **Reduplicação (nível:  $\sigma$ ):** copie a estrutura segmental da sílaba-fonte da palavra-fonte;
- c. **Condição de preferência:** na sílaba-fonte, prefira segmentos da rima silábica sobre segmentos do ataque silábico;

A demanda (6.a) diz respeito ao parâmetro de afixação do infix em relação à sílaba com a qual dialoga (ver 5). Como vimos, a variedade específica da 'língua-do-pê' a qual este texto se atém anexa o infix em posição pós-silábica. Ainda sobre ponto, pensando-o integrado em uma análise geral das três variedades, estabelecer /pe/ como subjacente é uma vantagem sobre estabelecer /p/ como representação de base do processo.

No caso de /pe/, as etapas da derivação seriam: A) algum *input* → B) anexe /pe/ (**3 Dialeto**) → C) reduplique a estrutura segmental da sílaba-fonte (**Dialeto B – foco do texto**); no caso de /p/, as etapas seriam: A) algum *input* → B) anexe /p/ (**3 Dialeto**) → C) reduplique a estrutura segmental da sílaba-fonte (**Dialeto B – foco do texto**) → D) insira [e] como núcleo silábico de [p-] (**outras 2 Dialeto**), de modo que C) e D) estejam em ordenamento disjuntivo (se uma se aplica a outra não se aplica). Desse modo, ao tomarmos /pe/ como estrutura subjacente às três variedades: (i) as outras duas variedades são resolvidas na primeira etapa de derivação e (ii) a reduplicação se superaplica sobre a vogal [e], da sílaba CV /pe/ já presente na estrutura subjacente.

Como se pode ver, a proposição de /p/ como subjacente pressupõe mais uma etapa de derivação e a necessidade de lançar mão de mais um dispositivo de análise (i.e ordenamento disjuntivo '*elsewhere condition*'). Assim, este texto se posiciona - na perspectiva de uma análise que, embora direcionada a uma das variantes da língua-do-pê, abarque também as outras (pelo menos) duas variantes – em favor de ser a estrutura /pe/ enquanto instância subjacente para as três variantes da língua-do-pê.

A demanda (6.b) define que a sílaba da palavra-fonte deve ser maximizada no produto, de modo que o máximo possível de segmentos seja reduplicado. Assim, a cópia que ocorre no caso desta variante da 'língua-do-pê' não está a serviço da fonologia (i.e correção fonotática), uma vez que a

própria forma subjacente do infixo já apresenta um formato de sílaba (CV), em /pe/, fonotaticamente permitido em português.

Não é uma escolha ótima supor que a própria gramática favoreça uma derivação do tipo “A (ambiente fonológica satisfatória: padrão CV /pe/) → B (ambiente fonológica não-satisfatória: apague [e]) → A (ambiente fonológica satisfatória: copie uma vogal nuclear [p + vogal reduplicada])” em termos puramente fonológicos, semelhante ao que se cunhou como “*Duke of York gambit*” (Pullum, 1976). Logo, em termos morfológicos, o paradigma de derivação da variação morfológica da língua-do-pê é, incluindo os níveis de variação expressos na abertura desta seção, é: A (/algum *input*/) → B (insira /pe/ à direita <sub>xy</sub> ou à esquerda <sub>y</sub> de sua sílaba-fonte) → C (reduplicação posterior <sub>x</sub> // não-reduplicação posterior <sub>y</sub>), no qual este trabalho se debruça sobre o caso <sub>x</sub>.

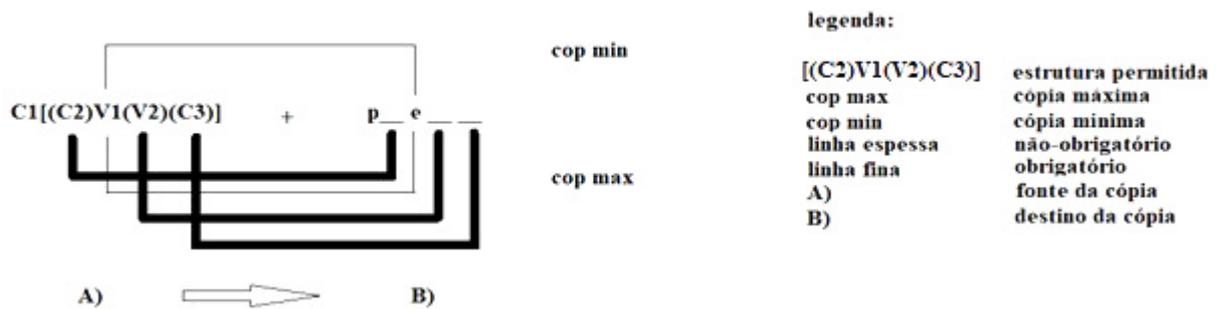
A cópia, neste caso, está a serviço da variação (morfológica) desta ludolíngua, ou seja, da variação de um subtipo de morfologia não-concatenativa, plenamente de acordo com Kawahara (2007) na distinção entre espalhamento e cópia, fenômenos superficialmente semelhantes, mas com naturezas distintas: espalhamento (cópia ‘fonológica’) está para a fonologia (i.e a serviço de correções fonotáticas impostas pela língua-base), enquanto a reduplicação (cópia ‘morfológica’) está para o componente morfológico (i.e a serviço da variação de processo morfológico não concatenativo no preenchimento de um morfema subespecificado permitido maximamente pelo limite estrutural da sílaba em PB)

A demanda (6.c), por sua vez, diz respeito à questão de a reduplicação ser tendencialmente mais moraica (ou seja, acontecer envolvendo os segmentos da rima silábica), isto é, mais específica do que propriamente silábica. Dito de outro modo, a reduplicação parece levar em consideração os segmentos em qualquer posição na estrutura da sílaba, o que configuraria uma implementação mais generalista.

De modo geral, esta última demanda se constitui como um argumento que corrobora a diferenciação empírica entre a cópia reduplicativa e a eco-epêntese feita por Kawahara (2007), favorecendo ao ponto (A) (ver figura 1 e figura 2, que dizem que a reduplicação, ao contrário da eco-epêntese, pode copiar consoantes à longa-distância).

A possibilidade de cópia envolvendo além da vogal nuclear (cópia máxima) para a plena silabificação de uma sílaba [p-] mostra que, no escopo da sílaba, à longa-distância, a cópia é licenciada a ir além do essencial, ou seja, pode ultrapassar a vogal nuclear (cópia mínima), alcançando inclusive a segunda posição de *onset*. Isso é um fato interessante que lança insights em favor da compreensão desta variedade da ‘língua-do-pê’ como marcada pela aplicação do fenômeno conhecido como reduplicação, tal como o fazem Guimarães & Nevins (2006, 2012). Em (7), segue a representação das cópias máxima e mínima, possibilidades oriundas das relações entre a demanda (6.b) e a demanda (6.c) com base na figura 1.

## (7) Longa-distância silábica permitida na cópia reduplicativa na Língua-do-pê



**Fonte:** Elaboração dos autores

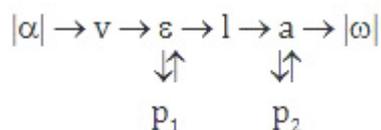
Na representação em (7), “cop min” materializa o mínimo essencial da cópia no padrão “só-rima”, enquanto “cop max” representa o máximo possível da cópia no padrão “segunda posição de onset + rima silábica”, o que aproxima a cópia da língua-do-pê do que Kawahara (2007) compreende por “cópia morfológica”. Em contrapartida, a cópia do efeito Alberto Roberto, como se verá na seção seguinte, não se submete à oposição “mínima vs máxima”.

Guimarães & Nevins (2012) apresentam dados que traduzem apenas reduplicação dos elementos da rima da sílaba-fonte, uma vez que a postulação final (*op. cit.*, p. 148) do algoritmo que explica a ‘língua-do-pê’ é baseada em relações de precedência que relacionam [p] (sucessor) ao último elemento da sílaba anterior (precedente) e, posteriormente, o núcleo da sílaba anterior (sucessor) a [p] (precedente). Assim, diferentemente da presente análise, o algoritmo proposto por Guimarães & Nevins (2012) não contempla a possibilidade da reduplicação da consoante na segunda posição de *onset* complexo.

(8) Relações de precedência na língua-do-pê para Guimarães e Nevins (2012, p. 148, 150)<sup>8</sup>

For every syllable  $\Sigma$ :

- Add a new immediate precedence relation between the last segment of  $\Sigma$  and /p/;
- Add a new immediate precedence relation between /p/ and the nucleus of  $\Sigma$ :



<sup>8</sup> Para cada sílaba  $\Sigma$ :

a: Adicionar uma nova relação de precedência imediata entre o último segmento de  $\Sigma$  e /p/;

b: Adicionar uma nova relação de precedência imediata entre /p/ e o núcleo de  $\Sigma$ . (Nevins, 2012, p. 148, 150, tradução nossa)

Desse modo, a versão preliminar (*op. cit.*, p. 134) do algoritmo, com base em *after each syllable*  $\Sigma$ , *insert a copy of  $\Sigma$  in which the onset consists of /p/*, é mais compatível com o que se propõe neste artigo. O problema dessa versão preliminar supracitada é não trazer a variação na reduplicação (só-rima vs segunda posição do onset + rima) para o ‘coração’ da gramática do processo em si, ou seja, para o próprio algoritmo, o que acaba por não abarcar a distinção a variação “cópia mínima vs máxima” permitida nesta variedade da língua-do-pê.<sup>9</sup>

Outro ponto de diferenciação entre as propostas é que os autores, dentro de um panorama teórico de relações de precedência em Teoria da Otimalidade, diferentemente do que estamos assumindo aqui, tomam /p-/ como estrutura subjacente. Este estudo toma /pe/ como estrutura subjacente com base nos argumentos apresentados na explanação de (6.b), dentro de um panorama teórico baseado em regras. Além disto, os autores centram a análise em apenas uma das variantes da língua-do-pe, enquanto a análise deste presente artigo leva em consideração as (pelo menos) três variantes desta ludolíngua.

Dois aspectos - isto é, (i) tomar a sílaba como um constituinte autônomo em si e (ii) a preferência por reduplicar os elementos moraicais (no caso do português, todos os segmentos da rima silábica) – aproximam este Dialeto B e o *efeito Alberto Roberto*, descrito para caracterizar o desfazimento de ataques complexos e a conseqüente eco-epêntese (cópia ‘fonológica’), próprios do personagem, homônimo ao efeito, criado pelo humorista Chico Anysio. Entretanto, olhando somente para o subconstituente silábico ‘rima’, diferentemente do desfazimento de ataques complexos pelo personagem do humorista, no caso do Dialeto B, a reduplicação se processa na **rima silábica**, podendo acessar a coda. O personagem Alberto Roberto, por sua vez, ao desfazer os ataques complexos, satisfaz a exigência fonotática eco-epentetizando apenas a vogal (**núcleo silábico**) imediatamente à direita, de acordo com os dados analisados a seguir.

## 2.2. O efeito Alberto Roberto: uma análise

O humorista Chico Anysio (1931-2012) desenvolveu diversos personagens ao longo de sua carreira na rádio, teatro e TV. Além de caracterizações estéticas e personalistas, muitos de seus personagens também se caracterizam pelo modo como se expressam verbalmente. Seja pela prosódia, sintaxe, morfologia e fonologia, a estilística da forma de falar de seus personagens certamente era uma preocupação do humorista.

Neste sentido, destaca-se o personagem Alberto Roberto, um ator/apresentador com excesso de estrelismos que se julgava uma das figuras mais importantes da TV. Em sua fala peculiar, o personagem tinha um bordão característico quando não queria gravar as cenas propostas pelo diretor Da Júlia (interpretado pelo ator Lucio Mauro (1927-2019)): ‘eu não garavo! (onde, da subjacência à superfície: gravo → garavo). A partir desse exemplo, podemos conjecturar que o personagem, em sua fala, desfaz encontros consonantais em ataques complexos em início de palavra (de conteúdo).

<sup>9</sup> De modo geral, é preciso destacar que os autores concebem a reduplicação, guiados pelos dados da variante dialetal (Salvador, BA) sobre que se debruçam, como um morfema RED no formato silábico -pV(c)-, de modo que apenas o padrão “só-rima” é contemplado.

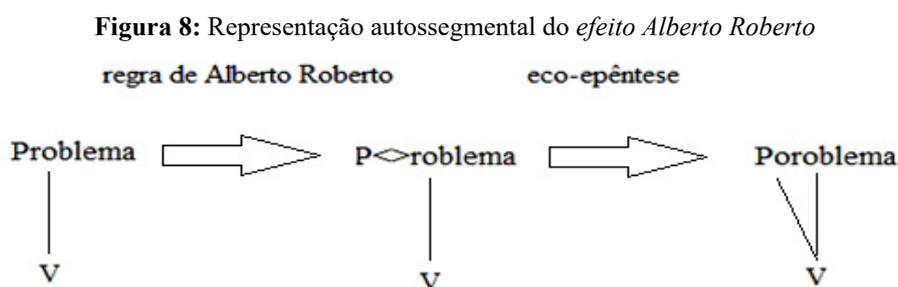
Abaixo, em (9), segue uma lista com dados oriundos de episódios que o personagem Alberto Roberto “porotagonizava”:

(9) **Desfazimento de *onset* complexo na fala de Alberto Roberto**<sup>10</sup>

a. problema	→	poroblema
b. entrei	→	enterei
c. vitrine	→	vitirine
d. Pressentido	→	peressentido
e. principiante	→	pirincipiante
f. ‘estrela’	→	esterelo
g. atração	→	ataração
h. estressado	→	esteressado
i. provar	→	porovar

Os dados em (9) - coletados de vídeos de episódios da sketch humorístico na qual o personagem aparecia - mostram, confrontando a suposição aventada anteriormente, que (i) não são todos os *onsets* complexos em português que são desfeitos, mas apenas aqueles com estrutura ( $C_{\text{onsoante}} + [r]$ )<sup>11</sup>; e que (ii) não apenas em contexto de sílaba inicial de palavra o desfazimento do *onset* complexo pode acontecer.

Entendendo este fenômeno como oriundo de um jogo de palavra feito por Chico Anysio na caracterização do personagem, o chamaremos de *efeito Alberto Roberto*, compreendendo: (i) a ‘escolha’ da sílaba como o constituinte autônomo dentro da palavra morfológica, (ii) o desfazimento de ataques complexos específicos, e, sobretudo, (iii) a conseqüente eco-epêntese que ocorre como recurso para o preenchimento da mora (vazia) requerida pela fonotática do português, uma vez que  $C_{\text{onsoante}}$  (em  $C_{\text{onsoante}} + [r]$ ) não pode constituir sílaba por si. A figura 8 propõe uma representação autosegmental do espalhamento da vogal referente à sílaba cujo núcleo consonantal é desfeito:



**Fonte:** Elaboração dos autores.

<sup>10</sup> A ausência de dados com estrutura ( $C_{\text{onsoante}} + [r] + [u]$ ) parece ser apenas um reflexo da paucidade de dados, não uma imposição ‘gramatical’.

<sup>11</sup> Enquanto a estrutura ( $C_{\text{onsoante}} + [r]$ ) é passível, de acordo com os contextos licenciados, dentro da palavra de sofrer o *efeito Alberto Roberto*, a estrutura ( $C_{\text{onsoante}} + [l]$ ), como em *atleta*” é completamente invisível ao efeito de desfazimento de ataque complexo.

Dessa forma, uma vogal na representação subjacente se torna duas na superfície fonética por efeito do espalhamento provocado pela *copy-vowel epenthesis*, que define a epêntese com base na cópia de uma vogal já presente na representação da palavra-fonte. É digno de nota dizer, mesmo que seja algo evidente, que esta epêntese é requerida por restrições fonotáticas da língua-base como conseqüente ao desmembramento de ataques complexos com estrutura ( $C_{\text{onsoante}} + [r]$ ), enquanto o jogo de palavra do personagem é o desfazimento de determinados ataques complexos.

Ao desfazer a estrutura ( $C_{\text{onsoante}} + [r]$ ) dentro do contexto formalizado abaixo, o que garante a ‘idiosincrasia’ do personagem, demandas puramente fonológicas (i.e a impossibilidade de uma consoante obstruente ser silabificada sem uma vogal para ocupar a posição de núcleo silábico concernente) se impõem no que tange à fonotática da língua-fonte. A eco-epêntese surge como forma de solucionar a questão.

Nesse sentido, a *copy-vowel epenthesis* é uma aplicação com vistas de preenchimento de uma *vowelless mora*, representada em figura 8 por “<>”, de modo a satisfazer uma restrição de natureza fonológica. A fonologia “resolve” problemas fonotáticos criados pelo recurso estilístico codificado na ‘regra de Alberto Roberto’ (ver figura 8).

Esta regra desfaz ataques complexos específicos, aqueles com a estrutura ( $C_{\text{onsoante}} + [r]$ ), em ambientes específicos dentro da palavra morfológica. Em termos formais de gramática, um exame mais acurado dos dados da fala do personagem Alberto Roberto mostra a seguinte conjugação de demandas em (10).

(10) **Gramática do efeito Alberto Roberto**

- a. mapeie as duas sílabas da palavra-fonte, da esquerda para a direita, como extensão relevante;
- b. desfça ataques complexos se (e somente se) apresentarem a estrutura ( $C_{\text{onsoante}} + [r]$ );
- c. se (e somente se) o ataque complexo ( $C_{\text{onsoante}} + [r]$ ) - de acordo com a condição em a. - coincidir com a última sílaba de palavra morfológica, desfça ataques complexos apenas se esta sílaba for bimoraica.

Quanto ao ponto em (10.a), alguém poderia dizer que esta ‘extensão relevante’ funcione apenas como uma outra forma de dizer ‘pé métrico’. Mas, no caso do *efeito Alberto Roberto*, esta ‘extensão relevante’ não é propriamente ‘métrica’ (ou ‘rítmica’) justamente por se entender aqui que não se faz referência ao jogo rítmico extraível da relação entre sílabas em contexto de adjacência, mas tão somente faz referência à prevalência das bordas de palavras (no caso específico do personagem, a borda inicial) em se tratando de estruturas linguísticas (cf. Nevins, 2010a).<sup>12</sup>

<sup>12</sup> Neste sentido é que se entende como pertinente enxergar a sílaba como um constituinte autônomo neste contexto. Justamente por isto não foi feita referência a ‘métrica’ ou ‘rítmica’ quando se falou da ‘extensão relevante’. As duas sílabas da palavra (da esquerda para a direita) estão sendo interpretadas, de maneira geral, como a borda inicial.

O ponto em (10.b) diz respeito ao coração do jogo de palavra criado na caracterização do personagem (um dos recursos estilísticos do personagem), e consiste no desfazimento de *onsets* complexos somente se apresentarem a estrutura ( $C_{\text{onsoante}} + [r]$ ). Uma outra configuração de ataque complexo em português, com a estrutura ( $C_{\text{onsoante}} + [l]$ ), é invisível ao fenômeno.

Já o ponto em (10.c) diz respeito ao contexto em que a sílaba com ataque complexo coincida com a sílaba final de palavra: neste caso, a observação dos dados mostra que a “regra de Alberto Roberto” se aplica apenas quando estas sílabas são bimoraicas, pois neste contexto a vogal nunca vai ser [ɐ], [ɪ] e [ʊ]<sup>13</sup>, que são vogais propriamente temáticas e não estão disponíveis para a cópia, pois apareceriam numa posição em que são proibidas de figurar no PB.

A condição neste ponto (10.c) explica a ausência de dados como os abaixo, em (11), em que a aplicação do efeito *Alberto Roberto* é ‘agramatical’:

(11) **Impossibilidade de sílaba átona final não-fechada como locus do processo**

lemb[r] [ɐ]	→	*lembɐrɐ
liv[r] [ʊ]	→	*livʊrʊ
semp[r] [ɪ]	→	*sempɪrɪ

Como se pode constatar quanto ao *efeito Alberto Roberto*, a correção fonotática que é proporcionada pela eco-epêntese é uma consequência da *regra de Alberto Roberto*. Caso o desfazimento do *onset* complexo nestes contextos fosse feito com o apagamento da obstruinte em primeira posição ‘problema → \*[r]oblema’ ou até mesmo se valesse da vogal default de epêntese em português ‘problema → \*piroblema’, a eco-epêntese, uma cópia eminentemente fonológica, não seria necessária, de modo que a vogal em *input* não se tornasse duas vogais em *output*, trazendo outras questões em comparação ao que se trata aqui.

Em termos puramente fonológicos, pode-se pensar no seguinte paradigma de derivação para lidar com o *efeito Alberto Roberto*: **A** (*input* de contexto fonológico específico (cf. (10)) → **B** (desfazimento de estrutura “consoante + /r/”) → **C** (espalhamento vocálico).

Assim, diferentemente do Dialeto B da ‘língua-do-pê’ em que a cópia está diretamente relacionada à variação morfológica do *ludling*, que é um subtipo de morfologia não-concatenativa, a eco-epêntese relacionada ao *efeito Alberto Roberto* é um fenômeno fonológico demandado por questões fonotáticas da língua que coíbem de figurarem na superfície representações imediatamente posteriores à aplicação da *regra de Alberto Roberto* (ver figura 8).

O preenchimento da *vowelless mora* é feito pela cópia (‘fonológica’) da vogal imediatamente à direita, resultando nos dados à direita da seta em (9). Tal como Kawahara (2007) pensou para as

<sup>13</sup> Quando se fala em ‘vogais temáticas’, restringindo o conceito às vogais [ɐ], [ɪ] e [ʊ], é possível que se imagine que esteja se falando sobre vogais nominais que, junto ao radical, formam o tema dos nomes. Entretanto, no caso de verbos flexionados que não tenham acento na última sílaba da palavra e que não tenham nasalidade como expressão de pessoa, a vogal oral átona final funciona melodicamente como nos nomes no mesmo contexto: (ele/ela) lembr[ɐ] x a sombr[ɐ]; (que ele/ela) sonh[ɪ] x o sangu[ɪ]; (eu) gost[ʊ] x o gost[ʊ].

línguas naturais, com base em um estudo tipológico da reduplicação e do espalhamento, os jogos de linguagem aqui analisados demonstram as diferenças empíricas e teóricas entre estes fenômenos superficialmente semelhantes.

### 3. Considerações finais

Pelo que se viu nesta análise inicial de uma variante da ‘língua-do-pê’, cunhada como Dialeto B (Araujo, 2012), a ‘reduplicação moraic’ é um fenômeno primevo à gramática deste *ludling*, embora dados como ‘livro → lipivropro’ acomodem melhor a análise em termos de ‘reduplicação de estrutura segmental da sílaba-fonte’.

Uma vez que o objetivo secundário do texto era descrever a variante da ‘língua-do-pê’ que apresentasse a reduplicação (que, no caso do Dialeto B da ‘língua-do-pê’, se constitui como reduplicação de estrutura segmental), não nos ativemos a uma modelagem teórica refinada, o que se coloca, ao lado do refinamento da coleta de dados, como uma próxima etapa desta empreitada.

A partir da análise feita, considera-se que a ‘língua-do-pê’ é um tipo de morfologia não-concatenativa (mais próximo do estatuto que *blending* tem em se tratando de ‘processos morfológicos não-concatenativos’), enquanto o *efeito Alberto Roberto* é mais uma idiosincrasia de cunho estilístico, porque, uma vez que o *onset* complexo é desfeito, regras de correção fonotática presentes na língua-base são aplicadas. O jogo linguístico na caracterização do personagem é, em parte, também um *ludling*, embora com estatuto distinto em relação à ‘língua-do-pê’, que é um recurso socioletal comum a muitas pessoas.

Em relação à comparação entre o Dialeto B da ‘língua-do-pê’ e o *efeito Alberto Roberto*, alguém poderia dizer que no primeiro caso a cópia é para simplesmente preencher a mora vazia em p-V, satisfazendo apenas uma restrição fonológica. Isso seria estranho, nesse caso, justo pelo fato de que a própria representação de base do infix, presente na superfície das outras variantes da língua-do-pê, já satisfaz restrições silábicas do português, por apresentar o formato CV /pe/, sendo possível de existir na superfície da língua.

Desse modo, a fim de se evitar uma derivação do tipo  $A \rightarrow B \rightarrow A$ , a própria gramática geral da ‘língua-do-pê’ adota a reduplicação como parte constitutiva de uma de suas variantes, com a finalidade da variação interna deste processo morfológico. Esse processo é similar, por exemplo, à variação existente na formação por *blending*, de um ponto especificamente não-concatenativo; ou mesmo à variação no processo de derivação, considerando um ponto de vista geral dos processos concatenativos de formação de palavras.

Sintetizando a análise, o *efeito Alberto Roberto* favorece o desfazimento de ataques complexos sem o apagamento da obstruente na primeira posição de *onset*. A eco-epêntese é um fenômeno posterior, demandado por esse recurso estilístico, para reparar questões puramente fonotáticas, uma vez que o processo de desfazimento sistemático de *onsets* complexos específicos já foi resolvido anteriormente com a *regra de Alberto Roberto*. Então, nas palavras de Kawahara (2007, p. 111, tradução nossa),

“este artigo argumenta que a eco-epêntese é invariavelmente alcançada pelo espalhamento, e nunca pela cópia baseada-em-correspondência”.

Viu-se também que a variação na cópia relativa a ‘língua-do-pê’ - isto é, cópias do tipo ‘só-rima’ ou cópias do tipo ‘segunda posição do *onset* + rima’ – corrobora, de acordo com o ponto (A) dos critérios empíricos levantados por Kawahara (2007), a distinção entre cópias morfológicas (reduplicação) e cópias fonológicas (*copy-vowel epenthesis*). No caso da epêntese, por sua vez, esta coíbe cópias à longa-distância dentro da sílaba justamente por estar associada à circunvizinhança, permitindo apenas a cópia da vogal nuclear, enquanto a reduplicação na língua-do-pê permite, no limite da sílaba, cópias à longa-distância.

## Referências

ARAUJO, Gabriel Antunes. Morfologia não-concatenativa em português: os portmanteaux. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 39, pp. 5-21, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636935>. Acesso em: 10 fev. 2024.

BAGEMIHLE, Bruce. 1989. The Crossing Constraint and ‘backwards languages’. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 7, pp. 481-529, 1989.

BAGEMIHLE, Bruce. Language Games and Related Areas. In: GLODSMITH, John A. *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge: Blackwell Publishing, 1996.

BASILIO, Margarida. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, 1987.

CLEMENTS, Nick. The role of sonority in core syllabification. In: Kingston, John; Beckman, Michael. (ed.). *Papers in Laboratory Phonology*. Cambridge: CUP, 1996.

GOLDSMITH, John. Syllable Structure. In: Goldsmith, John. *Autosegmental and metrical phonology*. Nova Jersey: Wiley-Blackwell Publishing, 1990, pp. 103-140.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. Retrospectiva dos estudos em Morfologia Prosódica: das circunscrições e regras à abordagem por ranking de restrições. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 53, n. 1, pp. 195-221, 2009. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1684>. Acesso em: 10 fev. 2024.

GUEVARA-RUKOZ, Adriana; YU, Shi; PAPERKAMP, Sharon. Speech perception and loanword adaptations: the case of copy-vowel epenthesis. *INTERSPEECH 2021*, 2021, Brno, Czech. Disponível em: [https://scholar.google.com.br/scholar?q=Speech+perception+and+loanword+adaptations:+the+case+of+copy-vowel+epenthesis&hl=pt-BR&as\\_sdt=0&as\\_vis=1&oi=scholar](https://scholar.google.com.br/scholar?q=Speech+perception+and+loanword+adaptations:+the+case+of+copy-vowel+epenthesis&hl=pt-BR&as_sdt=0&as_vis=1&oi=scholar). Acesso em: 10 fev. 2024.

GUIMARÃES, M.; NEVINS, A. Opaque nasalization in the ‘língua-do-pê’ of Salvador, Brasil. *GLOW Newsletter*, 2006. Disponível em: <https://ling.auf.net/lingbuzz/000251>. Acesso em: 10 fev. 2024.

GUIMARÃES, M.; NEVINS, A. Opaque nasalization in ludlings and the precedence relations of reduplication and infixation. *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 28, n. 1, 2012. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/25854>. Acesso em: 10 fev. 2024.

KAWAHARA, Shigeto. Copying and spreading in phonological theory: evidence from echo epenthesis. *UMOP: Papers in Optimality Theory*, v. 32, pp. 111-144, 2007. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/216842751\\_Copying\\_and\\_Spreading\\_in\\_Phonological\\_Theory\\_Evidence\\_From\\_Echo\\_Epenthesis](https://www.researchgate.net/publication/216842751_Copying_and_Spreading_in_Phonological_Theory_Evidence_From_Echo_Epenthesis). Acesso em: 10 fev. 2024.

LAYCOCK, Don. *Towards a Typology of Ludlings, or Play-Languages*. 1972. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=ED074837>. Acesso em: 10 fev. 2024.

LÍNGUA-DO-PÊÊ. In: WIKIPÉDIA. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua\\_do\\_P%C3%AA](https://en.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua_do_P%C3%AA). Acesso em: 11 fev. 2024.

LISPECTOR, Clarice. *A via crucis do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1974

MCCARTHY, John J.; PRINCE, Alan. Faithfulness and reduplicative identity. *Linguistics Department Faculty Publication*, 1995, p. 126 Disponível em: [https://scholarworks.umass.edu/linguist\\_faculty\\_pubs/10/](https://scholarworks.umass.edu/linguist_faculty_pubs/10/). Acesso em: 11 fev. 2024.

MORO, Andrea. *The boundaries of Babel: The brain and the enigma of impossible languages*. Cambridge: MIT Press, 2015.

NEVINS, Andrew. Two case studies in phonological universals: A view from artificial grammars. *Biolinguistics*, v. 4, n. 2-3, pp. 218-233, 2010a. Disponível em: [https://scholar.google.com.br/scholar?q=Two+Case+Studies+in+Phonological+Universals&hl=pt-BR&as\\_sdt=0&as\\_vis=1&oi=scholar](https://scholar.google.com.br/scholar?q=Two+Case+Studies+in+Phonological+Universals&hl=pt-BR&as_sdt=0&as_vis=1&oi=scholar). Acesso em: 10 fev. 2024.

NEVINS, Andrew. *Locality in Vowel Harmony*. Cambridge: MIT Press. 2010b.

PULLUM, Geoffrey K. The Duke of York gambit. *Journal of linguistics*, v. 12, pp. 83-102, 1976. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/4175335>. Acesso em: 10 fev. 2024.

STOIKOVIC, Jelena. Vowelless Moras and Varieties of a Language Game. *13th Conference on Typology and Grammar for Young Scholars*, 2016. Disponível em: [https://youngconfspb.com/application/files/7414/7999/6755/Tezisk\\_2016.pdf#page=145](https://youngconfspb.com/application/files/7414/7999/6755/Tezisk_2016.pdf#page=145). Acesso em: 10 fev. 2024.

VITAL, Felipe; NEVINS, Andrew. Stress and segmental rules in Brazilian ludling TTK. *MIT's M100 Conference poster*, 2023. Disponível em: <https://m100.mit.edu/program.html>. Acesso em: 10 fev. 2024.

YU, Alan C. L. On Iterative Infixation. In: CHANG, Charles B.; HAYNIE, Hannah J. (org.). *Proceedings of the 26th West Coast Conference on Formal Linguistics*. Somerville: Cascadilla Proceedings Project, 2008. pp. 516-524.